

# EDITORIAL

Aquele que disse a seus companheiros reunidos no Cenáculo que só haveria de crer em Jesus ressuscitado se visse “nas suas mãos o sinal dos pregos”, pusesse “o dedo no lugar dos pregos”, e introduzisse “a mão no seu lado” (Jo 20,25), dispensa apresentações.

O apóstolo Tomé passou para a História como símbolo da incredulidade, é verdade, mas sua reação também pode ser considerada como o reflexo de uma lei inerente à natureza humana. Ver, tocar e ouvir são necessidades do homem, condições para o assentimento perfeito da inteligência e da vontade.

Embora eminentemente sobrenatural, a fé voa juntamente com a razão para o encontro com Deus. Não foi essa a necessidade demonstrada por São Tomé, após a terrível perseguição desencadeada contra o Salvador e que terminara com a sua morte? Também para Santa Maria Madalena, aquela que muito havia amado, era necessário tocar e abraçar os pés do Ressuscitado para saciar aquele legítimo e subconsciente desejo do coração humano, expresso pela *Fides et ratio*, 42: “A fé requer que o seu objeto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez, a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé apresenta”.

Tal aspiração é tão ingente em nosso interior, a ponto de o Apóstolo São João exclamar: “O que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida, porque a vida se manifestou, e nós a temos visto; damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que se nos manifestou” (I Jo 1,1-4).

Esse desejo de experiência não é contrariado por Nosso Senhor, pois, ao encontrar-Se com os seus discípulos, convidou São Tomé a comprovar: “Introduz aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas homem de fé” (Jo 20,27). Dos lábios do incrédulo brotou, como a rosa no deserto, o mais explícito ato de fé na divindade de Jesus presente nos Evangelhos: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28). Com os olhos e os dedos de Tomé, tocamos também nós nas chagas e no lado aberto de Jesus. Em suma, com Tomé, toda a Igreja creu na ressurreição corpórea e milagrosa do Homem-Deus.

Ora, no áureo século XIII, houve outro “Tomé”, cujo nome não pode ser pronunciado por qualquer teólogo ou filósofo senão com respeito e venera-

ção: São Tomás de Aquino, autêntica testemunha dos atributos e perfeições divinas, da humanidade e da divindade de Cristo, do inefável mistério da Santíssima Eucaristia e dos insígnis privilégios de Maria Santíssima.

Nasceu ele mais de um milênio após a tragédia do Gólgota, e, de fato, não teve a graça de tocar com o seu dedo no lado e nas chagas do Redentor, como outrora fizera Tomé. Entretanto, o Doutor Angélico viu com os olhos da fé e apalpou com as mãos da caridade a divindade e a humanidade de Jesus.

A experiência mística de Tomás é superior à experiência científica de Tomé, como, aliás, afirmou o próprio Divino Mestre: “Creste, porque me viste. Felizes aqueles que creem sem ter visto!” (Jo 20,29). A visão da experiência mística de São Tomás, cuja origem é essencialmente sobrenatural, não é muito mais abarcativa e sublime do que a experiência material e racional? Afinal, o objeto do olhar teológico não é o próprio Deus, puro espírito? E o mundo sobrenatural não é invisível aos nossos olhos carnis? Por isso, a experiência mística dos santos reveste-se de maior eloquência que a simples experiência humana dos entendidos...

É devido à santidade do insigne Doutor Angélico que a sua obra filosófica e teológica — a qual, além de conter incontestável valor racional, é, paradoxalmente, precursora dos métodos científicos modernos — torna-se superior. Viu ele com os olhos do Espírito Santo, com as castas doçuras interiores dos toques místicos, com a penetração do primeiro olhar de uma alma santa, reta e inocente.

Por isso, a Igreja atribuiu especial valor à obra do Aquinate: foi ele mais feliz em crer sem ter visto e tocado como Tomé, porque viu, distinguiu e creu através do olhar sobrenatural, do qual tirou a inspiração de seu ensino, antegozando, pela fé, da felicidade que gozaremos por toda a eternidade, na visão beatífica. Dessa forma, pode-se dizer que São Tomás foi mais feliz que São Tomé, pois creu n’Aquele que real, genuína e misticamente havia “visto”.

\*\*\*

Transcorridos mais de sete séculos da morte do Santo Doutor, não resta dúvida de que há um crescente reconhecimento a seu respeito, a começar pelos Papas, seguidos pelo imenso número de intelectuais dedicados ao estudo de sua obra, e pelos fiéis, nunca decepcionados quando o escolheram como patrono e confiaram suas necessidades ao poder de sua intercessão.

Afirmou alguém com acerto que o mundo ainda não se tornou digno dos seus ensinamentos, certamente porque, para isso, seria necessário que fosse tão santo quanto ele. A prova está em que o caminho que nos resta percorrer

para esgotar o aprofundamento do seu legado espiritual e intelectual é imenso, e, quiçá, este audacioso propósito nunca seja atingido.

Visando colaborar na consideração do Doutor Angélico não apenas por aquilo que fez, mas, sobretudo por aquilo que foi, a presente edição o enfoca enquanto expoente de sabedoria, santidade, oração e pensamento. Que este número possa ser elemento propício para admirarmos a que alturas pode chegar a inteligência do homem quando este se abre com docilidade às inspirações d'Aquele que o criou e redimiui.